IBGE-CDDI/DEDOC
REDE DE BIBLIOTECAS

Indicadores IBGE

Pesquisa Industrial Mensal
Produção Física Brasil

fevereiro 1997

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado do Planejamento e Orçamento
Antonio Kandir

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente do IBGE
Simon Schwartzman

Diretor de Planejamento e Coordenação
Nuno Duarte da Costa Bittencourt

ÓRGÃOS TÉCNICOS SETORIAIS

Diretoria de Pesquisas
Lenildo Fernandes Silva

Diretoria de Geociências
Trento Natali Filho

Diretoria de Informática
Fernando Elyas Nobrega Nasser

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
David Wu Tai

UNIDADE RESPONSÁVEL

Diretoria de Pesquisas

Chefe do Departamento de Indústria
Silvio Sales

EQUIPE DE REDAÇÃO:

Redatores:
Myrian Thereza Ferreira
Rosangela Carnevale
Silvio Sales

Editoração:
Abelardo Floriano de Paulo
Gilberto Carlos Gonçalves
Glaucia Maria de Carvalho Rizzon

SUMÁRIO

NOTAS METODOLÓGICAS 3

COMENTÁRIOS 5

ÍNDICES

Por gêneros de indústria 13

Por categorias de uso 14

Por nível 100 (Subsetores Industriais) 16

Sazonalmente ajustados

Por gêneros de indústria 20

Por categorias de uso 22

SUPLEMENTO

Desempenho da Agroindústria em 1996 25

NOTAS METODOLÓGICAS

1 - Os indicadores de quantum utilizam dados primários da Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF). O painel de produtos e informantes acompanhado é uma amostra intencional representativa de cerca de 62% do Valor da Produção do Censo Industrial de 1985, abrangendo 944 produtos e 6.200 empresas, totalizando cerca de 13.000 informações mensais, a partir de janeiro de 1991.

2 - A base de ponderação dos índices é fixa e tem como referência a estrutura do Valor Agregado Industrial de 1985.

3 - A fórmula de cálculo adotada é uma adaptação de Laspeyres - base fixa em cadeia, com atualização de pesos.

4 - São divulgados quatro tipos de índices:

- ÍNDICE BASE FIXA MENSAL (NÚMERO-ÍNDICE): compara a produção do mês de referência do índice com a média mensal produzida no ano base da pesquisa (1991);

- ÍNDICE MENSAL: compara a produção do mês de referência do índice em relação a igual mês do ano anterior;

- ÍNDICE ACUMULADO: compara a produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência do índice, em relação a igual período do ano anterior;

- ÍNDICE ACUMULADO 12 MESES: compara a produção acumulada nos últimos 12 meses de referência do índice em relação a igual período imediatamente anterior. Os demais ÍNDICES (por exemplo, MÊS/MÊS ANTERIOR) podem ser obtidos pelo usuário a partir do índice Base Fixa Mensal.

5 - O ajuste sazonal das séries foi obtido utilizando-se o método X-11, adotado internacionalmente. O método foi aplicado aos índices de gêneros, e aos da Indústria Geral e de Transformação.

6 - Os índices apresentados neste documento são preliminares, estando sujeitos à retificação nos dados primários por parte dos informantes da pesquisa.

7 - A sistemática adotada para retificação de índices consiste na divulgação, junto com os resultados de cada mês de dezembro do ano (n), do "índice Base Fixa Mensal" do ano n-1, que passará então a ser definitivo.

8 - Informações mais detalhadas sobre os procedimentos metodológicos podem ser obtidas no Departamento de Indústria (DEIND) - Rua Visconde de Niterói, 1246 BL. B sala 705, CEP: 20943-001 - Rio de Janeiro - RJ, telefone (021) 234-0979.

COMENTÁRIOS

Os índices da produção industrial apontam, em fevereiro do corrente ano, uma estabilização no patamar produtivo frente ao mês anterior, com acréscimo de 0,3% na série livre de influências sazonais. Em relação a fevereiro de 1996, o setor apresenta crescimento de 2,9%, a menor taxa para esse tipo de comparação desde julho do ano passado. O acumulado para o primeiro bimestre de 1997 ficou em 4,8% e a taxa para os últimos doze meses prossegue em recuperação, passando de 2,7% em janeiro para 3,5% em fevereiro.

Após recuar por dois meses consecutivos, o nível mensal de produção da indústria revelou um ligeiro acréscimo (0,3%) na passagem de janeiro para fevereiro. Em termos de gêneros industriais, esse movimento positivo alcançou nove ramos, com destaque para mecânica (4,4%) e minerais não metálicos (2,8%). No primeiro caso, o aumento de produção, embora significativo, se dá após dois meses consecutivos de queda, período em que houve um recuo acumulado de -6,1% no nível de atividade da indústria mecânica. O subsetor de minerais não metálicos, fortemente articulado com a atividade de construção civil e, em menor grau, com a produção automobilística, atinge em fevereiro seu recorde de produção desde o início da década, segundo a série de números-índices com ajuste sazonal. Entre os onze ramos com queda no comparativo fevereiro 97/janeiro 97, vale mencionar material elétrico e de comunicações (-3,0%) e mobiliário (-7,5%). Em ambos, os destaques são produtos classificados como bens de consumo duráveis, área que lidera a expansão da indústria, mas que apresentou queda de -5,8% neste comparativo. Nas demais categorias de uso houve crescimento entre um mês e outro: bens de capital (5,0%), bens intermediários (0,3%) e bens de consumo semiduráveis e não duráveis (1,5%).

A comparação contra igual mês do ano anterior revela um conjunto de resultados abaixo dos índices verificados nos meses anteriores. A expansão de 2,9% registrada pela indústria como um todo, no comparativo fevereiro 97/fevereiro 96, é o menor acréscimo neste tipo de indicador desde o início do segundo semestre de 1996, quando o setor manufatureiro ampliou seu patamar de produção apoiado, sobretudo, no crescimento da atividade nas indústrias produtoras de bens de consumo, em especial de duráveis. A redução no ritmo de expansão, que de 6,6% em janeiro passou a 2,9% em fevereiro, atingiu os diferentes segmentos industriais, em particular à produção de bens de consumo duráveis, que após um aumento de 24,4% em janeiro assinala incremento de 9,5% em fevereiro, com os eletrodomésticos apresentando acréscimos de 31,6% e 10,0%, respectivamente. Nas outras três categorias de uso observa-se o mesmo

movimento: bens de capital (de 0,8% em janeiro para -0,2% em fevereiro), bens intermediários (de 7,9% para 3,7%) e bens de consumo semiduráveis e não duráveis (de -0,9% para -1,7%).

No acumulado para o primeiro bimestre o indicador aponta um crescimento global de 4,8%, com quinze ramos industriais ostentando resultados positivos. Os de maior impacto no total da indústria são química (9,9%), material elétrico e de comunicações (12,3%), metalúrgica (5,3%) e material de transporte (8,0%). O desempenho da química foi fortemente impactado pela ampliação da produção de gasolina (15,5%) e óleo diesel (6,4%), itens que são bons termômetros da movimentação não só da frota de veículos particulares, como da de passageiros e de cargas. O principal destaque da indústria de material elétrico e de comunicações foi o item televisor a cores, cujo aumento de produção nesses primeiros dois meses ficou em 31,7%. Em material de transporte cabe mencionar a elevação de 15,1% obtida na produção de automóveis, que contrastou com os decréscimos apontados em caminhões leves (-20,2%), caminhões pesados (-6,3%) e na indústria naval (-22,1%). Entre os cinco gêneros com desempenho negativo, cabe mencionar produtos alimentares (-5,6%), bastante influenciado pela queda de -43,7% no item suco de laranja, e vestuário (-8,6%), onde o principal impacto negativo vem do item blusas, blusões e camisas esporte (-44,4%).

Os índices por categorias de uso confirmam, nos resultados acumulados nesses dois primeiros meses do ano, a liderança da área de bens de consumo duráveis no desempenho industrial. Para um crescimento global de 4,8%, a produção de duráveis avançou 16,9%, com o segmento de TV, rádio e som atingindo a marca de 27,2%, e o de automóveis se elevando em 15,1%. A produção de bens intermediários (5,8%), além dos efeitos positivos sobre toda a cadeia produtiva derivados da expressiva elevação na área de duráveis, tem se beneficiado também da sustentação de uma trajetória ascendente na atividade de construção civil, cujo acréscimo no bimestre ficou em 8,3%. A produção de bens de capital apresenta estabilidade frente ao nível do primeiro bimestre de 1996 (taxa de 0,3%), recuperando-se da trajetória de resultados fortemente negativos em função, fundamentalmente, do desempenho recente da produção de bens de capital para agricultura (27,8%). Por fim, a queda de -1,3% no segmento de não duráveis resulta, principalmente, do fraco desempenho obtido na produção de suco de laranja e no subsetor de semiduráveis (-5,6%).

Os resultados da produção fabril nesse início de ano sinalizam que o setor apresenta uma ligeira desaceleração frente aos níveis observados ao final do ano passado, e que a principal área a manter a trajetória claramente positiva, ainda que

a um ritmo menos acentuado, é a de bens de consumo duráveis. Há que se destacar, também, o comportamento positivo das indústrias produtoras de insumo para construção civil.

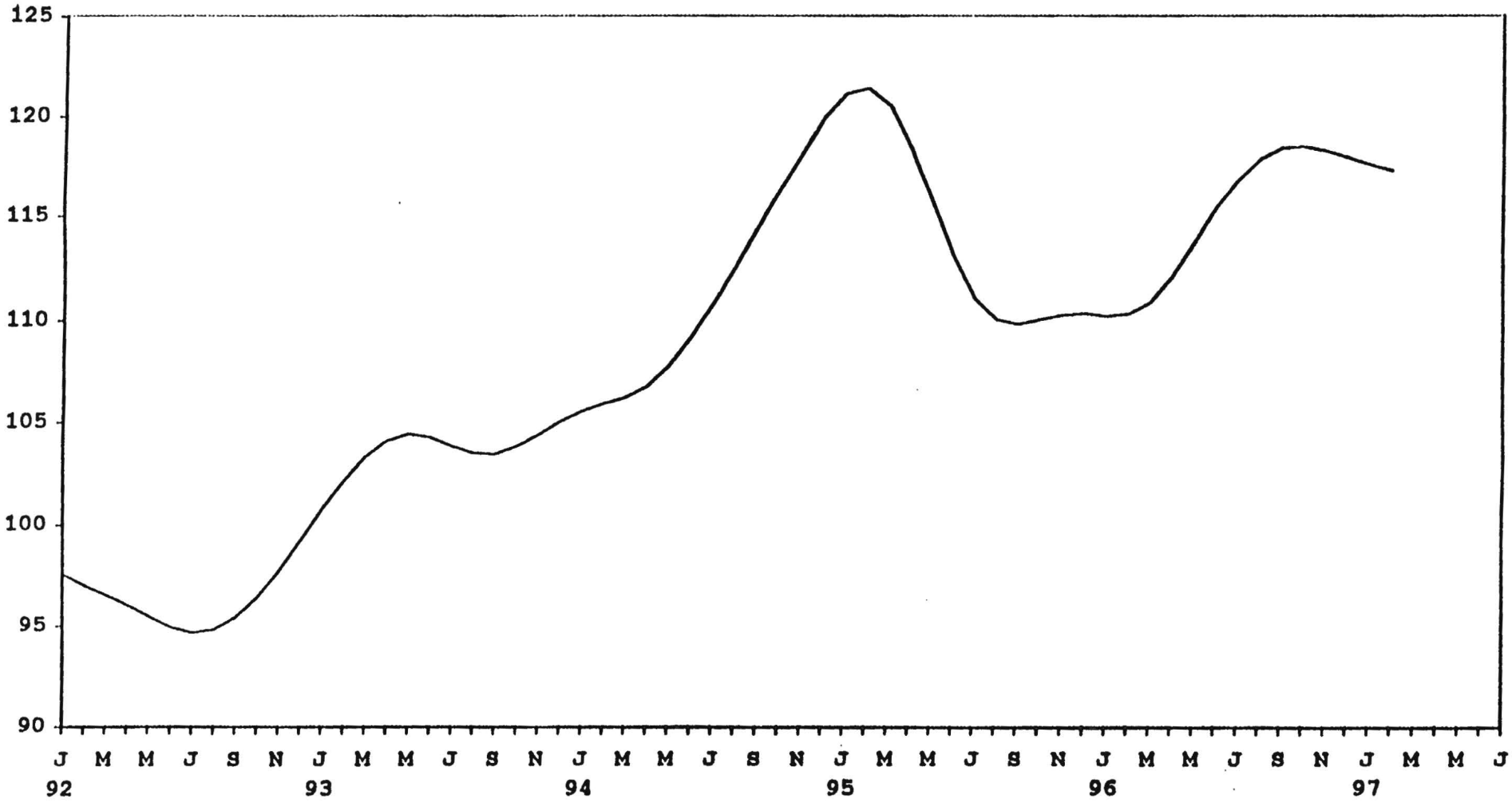
Finalmente, pelos gráficos de tendência ciclica - onde além da sazonalidade são neutralizados os efeitos de irregularidades nas séries de índices - é possível observar uma tendência predominante à desaceleração. Esse movimento é claro não só para o total da indústria bem como para bens intermediários e não duráveis. Em bens de capital e em bens de consumo duráveis a trajetória recente sugere uma tendência de estabilidade na curva de produção.

TABELA 1
INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA
SEGUNDO CATEGORIAS DE USO - FEVEREIRO / 97

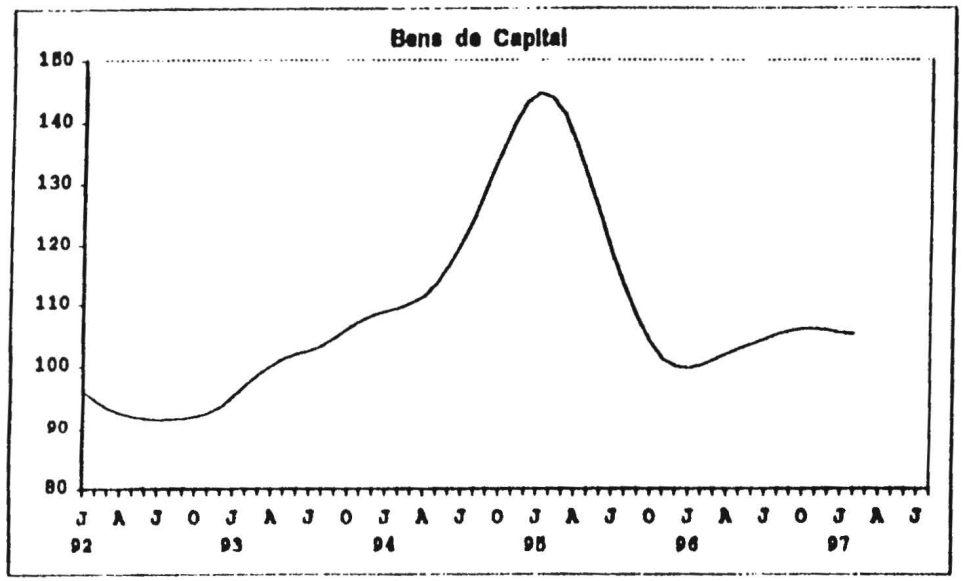
S E G M E N T O S	VARIAÇÃO (%)			
	MÊS/MÊS *	MENSAL	ACUMULADO NO ANO	ACUMULADO 12 MESES
BENS DE CAPITAL	5,0	- 0,2	0,3	- 9,5
BENS INTERMEDIÁRIOS	0,3	3,7	5,8	4,7
BENS DE CONSUMO	0,1	0,9	2,7	5,1
DURÁVEL	- 5,8	9,5	16,9	12,9
SEMIDURÁVEL e NÃO DURÁVEL	1,5	- 1,7	- 1,3	2,9
INDÚSTRIA GERAL	0,3	2,9	4,8	3,5

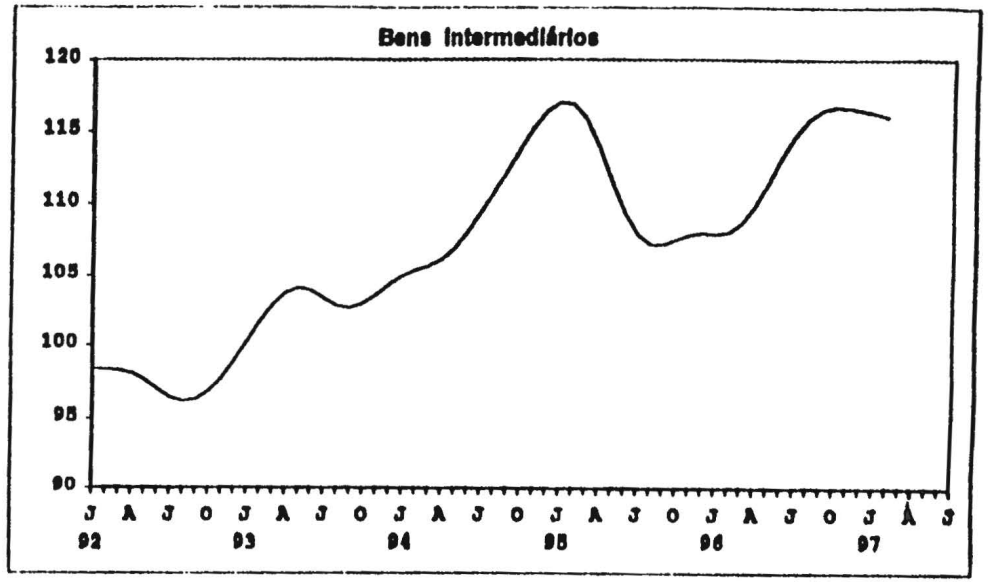
Fonte: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA
(*) Com Ajuste Sazonal

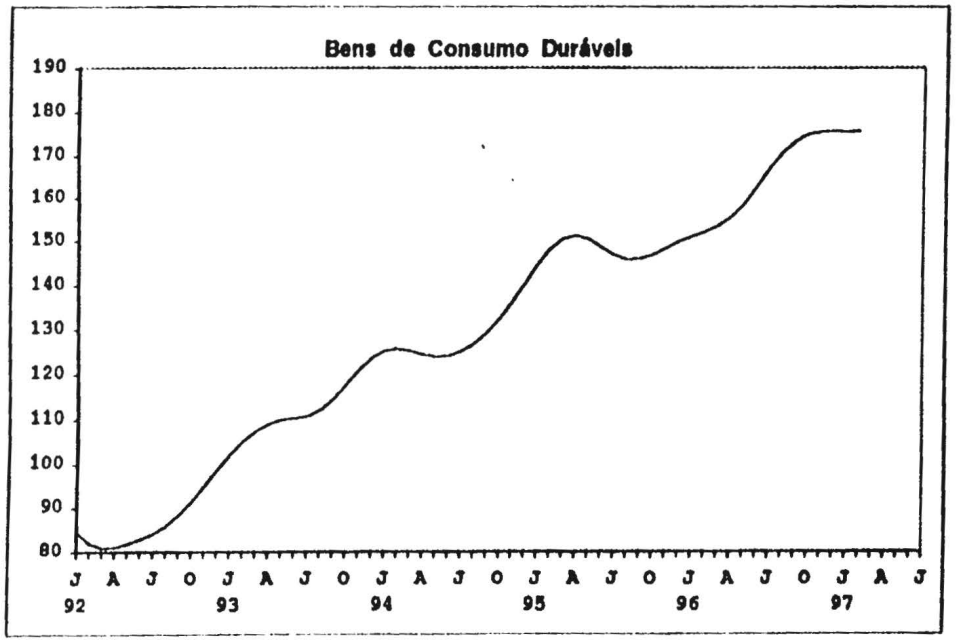
Produção Industrial - Brasil
Indústria Geral
Tendência Cíclica 1992-1997

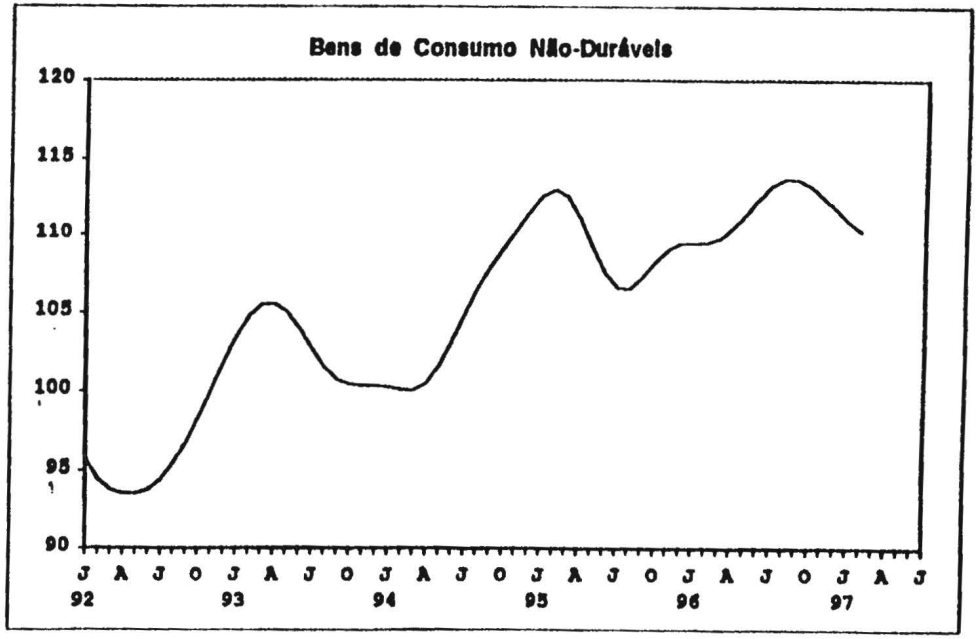


Tendência Cíclica da Produção Industrial - 1992/97









Fonte: IBGE/DPE/DEIND

COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL - BRASIL
ÍNDICE ACUMULADO
BASE: IGUAL PERIODO DO ANO ANTERIOR = 100
JANEIRO - FEVEREIRO 97

G E N E R O S	COMPOSIÇÃO DA TAXA	P R O D U T O S R E S P O N S A V E I S (*)
EXTRATIVA MINERAL.....	0.27	Petroleo em bruto Gas natural
MIN. NÃO-METALICOS....	0.38	Vidro plano Cimento comum
METALURGICA.....	0.66	Ferro e aço fundido em formas e peças Tubos e canos de aço c/costura
MECANICA.....	0.47	Colhedeiras agricolas Tratores agricolas, de 100 HP ou mais
MAT. ELETRICO E COM...	1.04	Aparelhos receptores de televisão a cores Fio, cabo e condut. de cobre, isolado, c/ou s/alma de aço
MAT. DE TRANSPORTE....	0.63	Automoveis p/passageiros Motores de combustão p/veiculos rodoviarios
MADEIRA.....	-0.02	Chapas e placas de madeira prensada ou aglomerada Madeira folheada, laminada ou faqueada - excl. de pinho
MOBILIARIO.....	0.09	Armarios de madeira, p/quartos Poltronas e sofas de madeira, de uso residencial
PAPEL E PAPELÃO.....	0.20	Papel de acabamento especial (impregnado ou revestido) Papel apergaminhado ou sulfite p/escrever
BORRACHA.....	0.05	Chapas ou placas de borracha natural ou sintética Pneumaticos p/tratores e maquinas de terraplenagem
COUROS E PELES.....	-0.01	Malas, maletas e valises de plastico, p/viagem Vaquetas
QUIMICA.....	1.55	Gasolina comum p/autoveiculos Oleo diesel
FARMACEUTICA.....	0.08	Antibioticos dosados (trimetoprim e outros) - excl. topicos Antiparquinsonianos
PERF., SABÕES, VELAS..	0.02	Sabões e cremes p/lavar e enxaguar cabelos Cremes p/pele
PROD. MAT. PLASTICAS..	0.12	Sacos e sacolas de matl. plastico Mangueiras, canos e tubos de plastico
TEXTIL.....	0.14	Fio cru de algodão Fio beneficiado ou acabado de algodão
VEST.,CALÇ.,ART.TEC...	-0.33	Blusas, blusões e camisas esporte Botas, sandalias esporte e sapatos de couro p/homens
PROD. ALIMENTARES.....	-0.64	Suco e concentrado de laranja Molhos preparados - excl. p/massas
BEBIDAS.....	-0.08	Refrigerantes Aguardente de cereais e de outros destilados
FUMO.....	0.18	Fumo em folha beneficiado (seco ou defumado) Cigarros
INDUSTRIA GERAL.....	4.77	

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA
(1) $C = (I_G - 100) \cdot K$, ONDE: C = PARTICIPAÇÃO DO GÊNERO NA FORMAÇÃO DO TOTAL DA TAXA DE CRESCIMENTO, I_G = INDICADOR DO GÊNERO E K = PESO DO GÊNERO NO TOTAL DA INDÚSTRIA GERAL.
(*) FORAM DESTACADOS EM CADA GÊNERO, OS DOIS PRINCIPAIS PRODUTOS RESPONSÁVEIS PELO INDICADOR.

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS DE INDUSTRIA - BRASIL
1996/97

PONDERAÇÃO CI-85

CLASSES E GENEROS	BASE FIXA MENSAL (1)			MENSAL (2)			ACUMULADO (3)			ULTIMOS 12 MESES (4)		
	DEZ	JAN	FEV	DEZ	JAN	FEV	JAN-DEZ	JAN-JAN	JAN-FEV	ATE DEZ	ATE JAN	ATE FEV
INDUSTRIA GERAL.....	108,63	108,54	102,69	107,87	106,57	102,94	101,50	106,57	104,77	101,50	102,73	103,46
EXTRATIVA MINERAL....	132,79	127,58	116,03	119,28	104,80	101,49	109,73	104,80	103,19	109,73	109,66	108,97
IND. TRANSFORMAÇÃO...	106,74	107,04	101,64	106,87	106,74	103,07	100,87	106,74	104,92	100,87	102,20	103,04
MIN. NÃO-METALICOS..	109,68	108,55	104,08	111,44	110,10	109,44	106,41	110,10	109,78	106,41	107,60	108,35
METALURGICA.....	112,75	115,95	111,73	111,66	107,72	102,90	101,07	107,72	105,30	101,07	102,91	103,57
MECANICA.....	99,83	96,26	107,48	113,96	106,78	104,18	87,09	106,78	105,40	87,09	90,69	93,72
MAT. ELETRICO E COM.	128,16	133,47	127,76	110,73	117,85	107,12	103,61	117,85	112,34	103,61	105,06	105,48
MAT. DE TRANSPORTE..	113,93	132,34	130,07	114,01	112,39	103,82	99,74	112,39	107,97	99,74	101,02	102,09
MADEIRA.....	92,68	95,90	92,89	102,74	98,49	98,54	102,21	98,49	98,51	102,21	102,03	102,08
MOBILIARIO.....	137,88	135,87	107,30	117,56	114,50	96,48	113,73	114,50	105,78	113,73	115,50	115,00
PAPEL E PAPELÃO.....	109,38	113,54	105,22	112,43	109,23	104,62	102,98	109,23	106,96	102,98	104,75	105,36
BORRACHA.....	98,85	109,43	104,12	98,93	103,00	101,79	99,30	103,00	102,41	99,30	101,04	102,39
COUROS E PELES.....	74,74	80,22	74,11	99,49	98,64	94,67	97,88	98,64	96,69	97,88	98,62	98,95
QUIMICA.....	112,86	105,35	93,73	107,68	111,14	108,49	104,88	111,14	109,87	104,88	106,20	107,38
FARMACEUTICA.....	91,70	93,23	96,66	97,15	103,43	107,95	91,36	103,43	105,68	91,36	91,69	93,03
PERF., SABÕES, VELAS	108,94	115,65	109,51	101,48	101,25	104,05	104,01	101,25	102,60	104,01	104,04	104,24
PROD. MAT. PLASTICAS	116,16	123,66	111,80	112,01	109,77	99,93	111,30	109,77	104,87	111,30	112,71	112,29
TEXTIL.....	70,86	77,90	77,62	102,08	105,44	101,01	94,16	105,44	103,18	94,16	96,71	98,43
VEST.,CALÇ.,ART.TEC.	83,16	75,27	66,13	97,58	93,11	89,44	96,81	93,11	91,36	96,81	98,01	98,62
PROD. ALIMENTARES...	109,28	103,43	89,71	94,72	93,40	95,67	105,14	93,40	94,44	105,14	103,42	102,42
BEBIDAS.....	124,60	113,21	95,27	101,73	100,07	87,13	96,68	100,07	93,71	96,68	96,86	95,65
FUMO.....	52,16	75,92	145,41	109,82	126,69	128,21	112,49	126,69	127,68	112,49	113,02	112,59

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

(1) BASE: MEDIA DE 1991 = 100
(2) BASE: IGUAL MES DO ANO ANTERIOR = 100
(3) BASE: IGUAL PERIODO DO ANO ANTERIOR = 100
(4) BASE: ULTIMOS 12 MESES ANTERIORES = 100

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIAS DE USO - BRASIL
1996/97

PONDERAÇÃO CI-85

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL (1)			MENSAL (2)			ACUMULADO (3)			ULTIMOS 12 MESES (4)		
	DEZ	JAN	FEV	DEZ	JAN	FEV	JAN-DEZ	JAN-JAN	JAN-FEV	ATE DEZ	ATE JAN	ATE FEV
BENS DE CAPITAL.....	100,06	91,10	97,90	111,88	100,81	99,85	85,78	100,81	100,31	85,78	88,36	90,49
1.BENS DE CAPITAL - EXCL. 2.....	107,17	94,52	103,20	111,00	103,45	102,25	89,51	103,45	102,82	89,51	92,30	94,62
2.EQUIP.TRANSPORTE INDUSTRIAL.....	70,85	77,04	76,12	117,69	89,31	88,28	70,37	89,31	88,80	70,37	71,97	73,24
BENS INTERMEDIARIOS.	107,52	108,77	103,31	109,82	107,87	103,69	102,76	107,87	105,79	102,76	104,08	104,71
1.ALIM. E BEBIDAS BASICOS P/IND..	52,01	73,53	58,46	78,90	110,45	97,47	105,73	110,45	104,30	105,73	105,98	103,57
2.ALIM. E BEBIDAS ELABOR. P/IND..	88,14	68,51	60,58	84,68	86,23	99,03	99,83	86,23	91,80	99,83	98,78	98,83
3.INSUMOS INDUSTRIAIS BASICOS.	75,14	69,72	92,64	106,33	94,68	106,00	102,12	94,68	100,82	102,12	101,11	100,48
4.INSUMOS INDUSTRIAIS ELABOR..	105,75	108,57	103,41	109,85	109,19	103,63	101,47	109,19	106,40	101,47	103,30	104,10
5.COMB. E LUBRIFICANTES BASICOS.	137,63	133,94	119,84	124,18	108,06	102,71	111,32	108,06	105,47	111,32	111,61	111,04
6.COMB. E LUBRIFICANTES ELABOR..	119,28	112,99	98,89	106,96	105,90	106,15	104,97	105,90	106,02	104,97	105,86	107,12
7.PEÇAS E ACESS.P/ BENS DE CAPITAL	94,03	92,19	97,84	122,46	114,38	105,97	94,10	114,38	109,89	94,10	96,18	97,23
8.PEÇAS E ACESS.P/ EQUIP.TRANS.IND	112,01	131,56	127,16	109,76	112,37	102,69	104,67	112,37	107,39	104,67	106,17	107,01

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

(1) BASE: MEDIA DE 1991 = 100
(2) BASE: IGUAL MES DO ANO ANTERIOR = 100
(3) BASE: IGUAL PERIODO DO ANO ANTERIOR = 100
(4) BASE: ULTIMOS 12 MESES ANTERIORES = 100

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIAS DE USO - BRASIL
1996/97

PONDERAÇÃO CI-85

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL (1)			MENSAL (2)			ACUMULADO (3)			ULTIMOS 12 MESES (4)		
	DEZ	JAN	FEV	DEZ	JAN	FEV	JAN-DEZ	JAN-JAN	JAN-FEV	ATE DEZ	ATE JAN	ATE FEV
BENS DE CONSUMO.....	112,28	112,75	101,04	102,17	104,31	100,87	104,81	104,31	102,65	104,81	105,01	105,08
DURAVEIS (1/3).....	142,28	162,24	146,74	111,83	124,44	109,53	111,15	124,44	116,89	111,15	112,28	112,86
1.DURAVEIS - EXCL. 2/3.....	139,40	158,37	135,34	111,76	126,25	106,86	110,16	126,25	116,51	110,16	111,87	112,27
2.VEICULOS AUTOMOTORES P/PASSAG.	147,04	168,85	169,45	108,45	118,66	111,68	112,06	118,66	115,06	112,06	111,16	111,44
3.EQUIP.TRANSPORTE NÃO INDUSTRIAL.	152,60	175,09	168,74	132,20	135,05	127,27	117,87	135,05	131,12	117,87	123,18	127,79
SEMIDURAVEIS E NÃO DURAVEIS (4/8)....	106,16	102,65	91,72	99,82	99,13	98,33	103,05	99,13	98,75	103,05	102,98	102,91
4.SEMIDURAVEIS....	93,94	88,74	80,21	98,52	96,19	92,43	98,50	96,19	94,36	98,50	99,72	100,08
5.NÃO DURAVEIS - EXCL. 6/8.....	98,90	106,24	103,06	102,17	105,32	105,63	99,48	105,32	105,47	99,48	99,90	100,52
6.ALIM. E BEBIDAS BASICOS P/CONSUMO DOMESTICO.	65,45	75,67	74,81	101,14	131,23	87,90	93,71	131,23	105,40	93,71	96,06	91,72
7.ALIM. E BEBIDAS ELABOR. P/CONSUMO DOMESTICO.	122,89	119,56	102,68	98,18	95,05	93,91	105,28	95,05	94,52	105,28	103,56	102,29
8.CARBURANTES.....	101,15	85,73	74,16	105,12	112,86	123,43	111,93	112,86	117,53	111,93	112,82	114,48

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

(1) BASE: MEDIA DE 1991 = 100
(2) BASE: IGUAL MES DO ANO ANTERIOR = 100
(3) BASE: IGUAL PERIODO DO ANO ANTERIOR = 100
(4) BASE: ULTIMOS 12 MESES ANTERIORES = 100

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR NIVEL 100 - BRASIL
1996/97

PONDERAÇÃO CI-85

N I V E L 100	BASE FIXA MENSAL (1)			MENSAL (2)			ACUMULADO (3)			ULTIMOS 12 MESES (4)		
	DEZ	JAN	FEV	DEZ	JAN	FEV	JAN-DEZ	JAN-JAN	JAN-FEV	ATE DEZ	ATE JAN	ATE FEV
EXT. MIN. METALICOS.	110,90	92,46	95,18	104,90	88,87	93,60	104,06	88,87	91,20	104,06	102,23	100,80
EXT. MIN. NÃO-METALICOS.....	132,60	167,03	138,45	82,57	98,18	109,23	97,40	98,18	102,90	97,40	97,96	98,40
EXT. PETROLEO E GAS NATURAL.....	138,67	134,95	120,64	124,16	108,59	102,51	111,29	108,59	105,63	111,29	111,64	111,04
EXT. CARVÃO MINERAL.	96,50	94,35	88,55	125,15	84,98	114,79	113,17	84,98	97,20	113,17	110,35	111,32
CIMENTO E CLINQUER..	123,26	109,33	108,26	117,24	109,72	114,97	117,09	109,72	112,27	117,09	117,03	117,17
PEÇAS E ESTRUT. DE CONCRETO, CIMENTO E FIBROCIMENTO.....	94,77	97,60	93,42	112,99	108,64	104,43	107,57	108,64	106,54	107,57	108,65	108,34
VIDRO E ARTIGOS DE VIDRO.....	128,57	146,13	129,14	118,60	134,50	118,48	106,94	134,50	126,48	106,94	110,45	112,04
OUTROS PROD. DE MINER. NÃO-METALICOS.	101,00	100,87	97,87	104,79	102,93	104,63	99,88	102,93	103,76	99,88	100,97	102,01
SIDERURGIA.....	114,56	110,94	107,52	109,29	102,13	100,89	101,53	102,13	101,52	101,53	102,48	102,36
METALURGIA DOS NÃO-FERROSOS.....	118,38	127,66	115,60	117,39	115,26	103,18	108,41	115,26	109,19	108,41	110,77	111,79
FUNDIDOS E FORJADOS DE AÇO.....	90,62	98,98	108,12	117,71	114,00	107,02	86,88	114,00	110,24	86,88	90,44	93,07
OUTROS PROD. METALURGICOS.....	115,73	126,12	118,96	110,35	111,16	104,60	102,42	111,16	107,87	102,42	104,62	105,48
MAQ., EQUIP. E INST. -INCL. PEÇAS E ACES	107,97	103,27	112,58	116,40	105,08	100,80	86,54	105,08	102,81	86,54	89,94	92,26
TRATORES E MAQ. RODOV.- INCL. PEÇAS E ACESSORIOS.....	60,10	61,14	78,59	136,34	153,53	145,55	79,18	153,53	148,94	79,18	87,32	99,13
EQUIP. P/PRODUÇÃO E DIST. ENERGIA ELET.	157,66	115,49	156,04	104,29	95,05	120,03	91,54	95,05	107,96	91,54	92,41	93,38

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

(1) BASE: MEDIA DE 1991 = 100
(2) BASE: IGUAL MES DO ANO ANTERIOR = 100
(3) BASE: IGUAL PERIODO DO ANO ANTERIOR = 100
(4) BASE: ULTIMOS 12 MESES ANTERIORES = 100

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR NIVEL 100 - BRASIL
1996/97

PONDERAÇÃO CI-85

N I V E L 100	BASE FIXA MENSAL (1)			MENSAL (2)			ACUMULADO (3)			ULTIMOS 12 MESES (4)		
	DEZ	JAN	FEV	DEZ	JAN	FEV	JAN-DEZ	JAN-JAN	JAN-FEV	ATE DEZ	ATE JAN	ATE FEV
CONDUTORES E OUTROS MATL. ELET. - EXCL. P/VEIC.....	118,35	130,43	131,27	115,04	113,46	109,02	104,89	113,46	111,19	104,89	106,46	107,46
APAR. E EQUIP. ELET. -INCL. ELETRODOMESTICOS, MAQ. ESCRIT.	113,33	111,11	116,06	100,62	109,51	101,08	97,88	109,51	105,04	97,88	99,89	100,33
MATL., APAR. ELETRONICOS E DE COMUNIC.	123,02	109,83	95,82	111,78	113,44	90,84	102,72	113,44	101,66	102,72	104,13	103,07
APAR. RECEPT. DE TV, RADIO E EQUIP. SOM.	142,31	194,19	165,31	110,30	136,81	117,46	110,56	136,81	127,18	110,56	111,59	112,49
AUTOMOVEIS, UTILITARIOS, CAMINHÕES E ONIBUS.....	125,07	142,06	141,92	116,28	113,24	104,65	97,78	113,24	108,78	97,78	98,20	98,65
MOTORES E PEÇAS P/ VEICULOS.....	114,82	138,20	136,10	114,30	115,31	102,53	106,45	115,31	108,59	106,45	107,92	108,52
INDUST. NAVAL- INCL. REPARAÇÃO.....	54,41	56,23	46,95	75,73	73,19	84,43	50,49	73,19	77,91	50,49	51,29	53,47
INDUST. FERROVIARIA - INCL. REPARAÇÃO..	70,78	85,97	81,55	124,37	97,11	116,82	105,67	97,11	105,80	105,67	108,58	116,48
FAB. OUTROS VEICULOS	110,84	124,26	114,47	117,08	116,76	108,11	107,52	116,76	112,45	107,52	111,59	114,53
INDUST. DA MADEIRA..	92,68	95,90	92,89	102,74	98,49	98,54	102,21	98,49	98,51	102,21	102,03	102,08
INDUST.DO MOBILIARIO	137,88	135,87	107,30	117,56	114,50	96,48	113,73	114,50	105,78	113,73	115,50	115,00
CELULOSE E PASTA MECANICA.....	115,78	115,59	107,30	118,11	102,41	96,81	103,89	102,41	99,64	103,89	104,24	103,20
PAPEL, PAPELÃO E ARTEFAT. DE PAPEL....	118,80	124,79	115,40	112,41	112,69	108,01	104,44	112,69	110,39	104,44	106,57	107,63
INDUST. DA BORRACHA.	98,85	109,43	104,12	98,93	103,00	101,79	99,30	103,00	102,41	99,30	101,04	102,39

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

(1) BASE: MEDIA DE 1991 = 100
(2) BASE: IGUAL MES DO ANO ANTERIOR = 100
(3) BASE: IGUAL PERIODO DO ANO ANTERIOR = 100
(4) BASE: ULTIMOS 12 MESES ANTERIORES = 100

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR NIVEL 100 - BRASIL
1996/97

PONDERAÇÃO CI-85

N I V E L 100	BASE FIXA MENSAL (1)			MENSAL (2)			ACUMULADO (3)			ULTIMOS 12 MESES (4)		
	DEZ	JAN	FEV	DEZ	JAN	FEV	JAN-DEZ	JAN-JAN	JAN-FEV	ATE DEZ	ATE JAN	ATE FEV
ELEMENTOS QUIM. NÃO-PETROQUIM. OU CARBOQUIMICOS.....	108,58	106,95	100,25	100,70	103,93	98,14	101,56	103,93	101,05	101,56	101,53	100,82
DESTILAÇÃO DE ALCOOL	59,30	28,05	18,76	106,36	117,47	160,43	110,71	117,47	131,59	110,71	111,18	112,26
REFINO DE PETROLEO..	126,37	121,24	106,40	106,93	108,12	110,13	106,68	108,12	109,05	106,68	107,79	109,40
PETROQUIMICA BASICA E INTERMEDIARIA....	131,38	126,48	109,22	106,47	109,35	100,58	97,72	109,35	105,10	97,72	98,72	99,45
RESINAS, FIBRAS E ELASTOMEROS.....	112,89	115,13	98,05	117,62	118,90	95,93	94,69	118,90	107,10	94,69	97,76	98,07
ADUBOS, FERTILIZANTES E CORRET. SOLO.	87,33	71,86	81,80	108,84	116,79	111,13	101,68	116,79	113,71	101,68	102,85	103,87
PROD. QUIM. DIVERSOS	116,05	118,11	114,76	107,22	123,33	116,23	109,87	123,33	119,72	109,87	112,30	113,53
INDUST. FARMACEUTICA	91,70	93,23	96,66	97,15	103,43	107,95	91,36	103,43	105,68	91,36	91,69	93,03
INDUST. DE PERFUMARIA, SABÕES E VELAS	108,94	115,65	109,51	101,48	101,25	104,05	104,01	101,25	102,60	104,01	104,04	104,24
LAMINADOS PLASTICOS.	117,59	128,88	113,80	110,93	109,47	95,46	105,62	109,47	102,42	105,62	107,03	106,07
ARTIGOS DE MATERIAL PLASTICO.....	115,60	121,59	111,01	112,45	109,89	101,86	113,76	109,89	105,91	113,76	115,16	114,98
BENEF., FIAÇÃO E TECEL. DE FIBRAS NAT.	65,85	72,49	72,05	103,03	108,45	103,80	93,44	108,45	106,08	93,44	96,33	98,27
FIAÇÃO E TECEL. DE FIBRAS ARTIFICIAIS OU SINTETICAS.....	78,64	86,66	83,88	103,82	110,71	102,69	94,38	110,71	106,61	94,38	97,34	99,69
OUTRAS IND. TEXTEIS.	75,40	82,44	85,64	97,39	93,09	92,79	94,66	93,09	92,94	94,66	95,98	96,40
ARTIGOS DO VESTUARIO E ACESSORIOS.....	81,94	70,10	69,92	97,16	91,17	92,03	94,25	91,17	91,60	94,25	95,31	96,27
IND. DE COUROS E PELES E ARTIG. VIAGEM	74,74	80,22	74,11	99,49	98,64	94,67	97,88	98,64	96,69	97,88	98,62	98,95

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

(1) BASE: MEDIA DE 1991 = 100
(2) BASE: IGUAL MES DO ANO ANTERIOR = 100
(3) BASE: IGUAL PERIODO DO ANO ANTERIOR = 100
(4) BASE: ULTIMOS 12 MESES ANTERIORES = 100

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR NIVEL 100 - BRASIL
1996/97

PONDERAÇÃO CI-85

N I V E L 100	BASE FIXA MENSAL (1)			MENSAL (2)			ACUMULADO (3)			ULTIMOS 12 MESES (4)		
	DEZ	JAN	FEV	DEZ	JAN	FEV	JAN-DEZ	JAN-JAN	JAN-FEV	ATE DEZ	ATE JAN	ATE FEV
CALÇADOS.....	85,44	83,46	60,70	98,41	95,77	85,53	101,81	95,77	91,17	101,81	103,13	103,15
INDUST. DO CAFE.....	84,63	92,17	79,70	98,43	106,66	104,38	112,59	106,66	105,59	112,59	111,77	111,85
BENEF. DE ARROZ.....	120,90	122,95	107,82	99,29	91,50	101,58	108,16	91,50	95,95	108,16	105,17	104,43
MOAGEM DE TRIGO.....	100,97	109,70	98,49	105,05	99,87	103,80	103,69	99,87	101,69	103,69	102,93	102,81
CONSERV. DE FRUTAS E LEGUMES - INCL. SUCOS E CONDIMENTOS..	217,96	174,93	126,23	93,87	76,04	78,05	127,23	76,04	76,87	127,23	116,50	110,75
BENEF. OUTROS PROD. DE ORIGEM VEGET. P/ ALIMENTAÇÃO.....	86,06	86,56	76,12	106,75	99,95	92,65	107,82	99,95	96,40	107,82	107,03	105,54
INDUST. DO FUMO.....	52,16	75,92	145,41	109,82	126,69	128,21	112,49	126,69	127,68	112,49	113,02	112,59
ABATE ANIMAIS (EXCL. AVES) E PREPARAÇÃO DE CARNES.....	98,40	100,74	91,02	99,23	97,86	92,07	104,00	97,86	95,02	104,00	102,90	101,50
ABATE E PREPARAÇÃO DE AVES.....	144,91	153,45	133,18	107,80	106,86	100,55	106,80	106,86	103,83	106,80	106,62	105,75
RESFRIAMENTO E PREP. DO LEITE E LATICIN.	115,12	116,48	100,04	98,40	98,23	93,42	100,10	98,23	95,95	100,10	99,68	98,55
INDUST. DO AÇUCAR...	105,63	74,43	54,58	84,56	94,42	100,19	100,90	94,42	96,78	100,90	101,11	102,04
OLEOS VEG. EM BRUTO.	66,08	48,72	53,25	69,65	77,45	111,15	94,86	77,45	92,02	94,86	93,33	93,42
REFINO DE OLEOS VEG. E FAB. GORDURAS P/ ALIMENTAÇÃO.....	79,32	84,31	89,37	91,16	88,51	105,07	97,13	88,51	96,32	97,13	95,99	96,15
ALIMENTOS P/ANIMAIS.	128,13	132,22	112,50	100,35	96,23	94,28	105,78	96,23	95,32	105,78	104,10	102,67
OUTRAS INDUST. ALIMENTARES.....	104,69	112,93	104,45	102,58	99,25	96,01	100,17	99,25	97,67	100,17	100,26	99,56
INDUST. DE BEBIDAS..	124,60	113,21	95,27	101,73	100,07	87,13	96,68	100,07	93,71	96,68	96,86	95,65

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

(1) BASE: MEDIA DE 1991 = 100
(2) BASE: IGUAL MES DO ANO ANTERIOR = 100
(3) BASE: IGUAL PERIODO DO ANO ANTERIOR = 100
(4) BASE: ULTIMOS 12 MESES ANTERIORES = 100

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS DE INDUSTRIA - BRASIL
INDICE BASE FIXA MENSAL (NUMERO-INDICE)
BASE: MEDIA DE 1991 = 100

PONDERAÇÃO CI-85 COM AJUSTAMENTO SAZONAL — 1996

CLASSES E GENEROS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
INDUSTRIA GERAL.....	109,98	109,25	109,75	112,76	112,88	112,09	117,88	117,38	118,81	118,41	119,56	117,62
EXTRATIVA MINERAL....	116,85	118,95	117,43	120,04	121,24	120,75	121,28	113,34	121,49	123,59	124,65	125,06
IND. TRANSFORMAÇÃO...	109,46	108,58	109,08	112,61	112,59	111,30	118,09	117,59	118,36	118,07	119,11	116,56
MIN. NÃO-METALICOS..	103,11	103,02	104,81	107,46	109,70	110,87	110,08	115,71	114,54	114,80	114,16	114,29
METALURGICA.....	110,26	112,53	113,07	114,22	110,92	113,83	119,64	119,41	122,56	121,79	122,11	121,18
MECANICA.....	99,59	101,23	100,65	109,15	106,27	107,32	109,88	108,82	108,50	107,63	112,35	108,76
MAT. ELETRICO E COM.	130,69	132,49	134,71	131,76	134,74	138,44	145,19	141,19	145,35	150,96	154,15	146,23
MAT. DE TRANSPORTE..	130,89	131,51	133,43	149,11	131,21	126,87	141,81	141,31	149,51	141,92	142,97	144,32
MADEIRA.....	100,05	97,63	100,26	96,73	102,84	99,93	101,65	100,58	99,83	104,71	103,38	105,31
MOBILIARIO.....	117,43	122,63	121,97	128,94	130,44	132,81	132,68	134,08	134,02	135,86	133,49	129,64
PAPEL E PAPELÃO.....	102,12	104,27	103,29	105,96	106,74	110,41	111,77	112,62	113,64	110,71	113,22	112,57
*BORRACHA.....	106,24	102,29	113,15	110,52	117,92	111,73	128,13	120,35	113,99	116,47	109,39	98,85
COUROS E PELES.....	82,24	81,79	79,54	81,22	79,31	85,64	85,08	88,12	86,62	84,90	84,17	80,32
QUIMICA.....	108,84	108,90	110,52	111,40	113,08	113,37	117,70	116,91	117,78	119,06	120,33	120,56
FARMACEUTICA.....	108,71	99,00	103,40	104,23	106,34	95,39	102,38	104,56	106,89	109,55	112,47	106,58
*PERF., SABÕES, VELAS	114,22	105,25	123,33	117,33	124,98	120,16	122,29	116,80	110,61	115,41	118,73	108,94
PROD. MAT. PLASTICAS	113,13	115,83	114,67	121,77	122,34	121,53	119,11	126,90	125,27	122,31	125,87	124,79
TEXTIL.....	82,22	84,47	81,34	85,83	85,45	89,08	91,42	92,33	92,89	90,16	89,15	85,62
VEST.,CALÇ.,ART.TEC.	86,17	83,74	83,63	90,93	88,65	88,69	92,27	94,36	93,96	92,31	96,43	84,40
PROD. ALIMENTARES...	119,27	114,06	114,59	116,31	117,64	115,63	117,38	118,24	116,49	115,72	113,60	112,80
BEBIDAS.....	114,94	117,92	111,96	112,76	109,02	103,03	116,38	112,59	113,51	112,84	113,35	116,87
FUMO.....	113,26	106,17	112,05	113,44	111,83	89,51	104,98	127,83	134,11	126,89	126,96	124,51

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA — G2 — PAG -

(*) GENEROS SEM PADRÃO DE SAZONALIDADE DEFINIDO E, PORTANTO, SEM AJUSTE SAZONAL

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS DE INDUSTRIA - BRASIL
INDICE BASE FIXA MENSAL (NUMERO-INDICE)
BASE: MEDIA DE 1991 = 100

PONDERAÇÃO CI-85 COM AJUSTAMENTO SAZONAL — ANO: 1997

CLASSES E GENEROS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
INDUSTRIA GERAL.....	116,94	117,26										
EXTRATIVA MINERAL....	122,18	120,57										
IND. TRANSFORMAÇÃO...	116,30	116,69										
MIN. NÃO-METALICOS..	113,57	116,78										
METALURGICA.....	118,30	120,47										
MECANICA.....	105,50	110,17										
MAT. ELETRICO E COM.	153,00	148,39										
MAT. DE TRANSPORTE..	146,03	143,48										
MADEIRA.....	100,73	99,09										
MOBILIARIO.....	133,49	123,43										
PAPEL E PAPELÃO.....	111,51	113,30										
*BORRACHA.....	109,43	104,12										
COUROS E PELES.....	81,47	80,74										
QUIMICA.....	121,49	122,52										
FARMACEUTICA.....	111,56	113,28										
*PERF., SABÕES, VELAS	115,65	109,51										
PROD. MAT. PLASTICAS	124,55	120,06										
TEXTIL.....	85,13	85,83										
VEST.,CALÇ.,ART.TEC.	79,31	78,75										
PROD. ALIMENTARES...	111,41	113,37										
BEBIDAS.....	115,45	107,36										
FUMO.....	137,84	143,20										

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

(*) GENEROS SEM PADRÃO DE SAZONALIDADE DEFINIDO E, PORTANTO, SEM AJUSTE SAZONAL

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIAS DE USO - BRASIL
INDICE BASE FIXA MENSAL (NUMERO-INDICE)
BASE: MEDIA DE 1991 = 100

PONDERAÇÃO CI-85 COM AJUSTAMENTO SAZONAL — ANO: 1996

CATEGORIAS DE USO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
BENS DE CAPITAL.....	100,45	100,95	100,37	102,93	103,31	102,40	107,09	103,82	103,49	106,95	109,69	105,84
BENS INTERMEDIARIOS.	107,14	107,58	107,41	110,75	110,75	108,69	114,95	115,15	118,23	116,25	116,57	117,24
BENS DE CONSUMO.....	116,98	114,78	116,19	119,89	120,29	120,12	123,90	123,05	123,47	124,03	124,96	119,76
DURAVEIS.....	148,59	150,35	153,87	159,07	153,99	158,34	173,44	168,30	176,41	174,66	177,78	169,26
SEMIDURAVEIS E NÃO DURAVEIS.....	110,76	107,82	108,52	111,36	111,53	112,33	113,76	113,99	113,06	113,63	114,41	111,11

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIAS DE USO - BRASIL
INDICE BASE FIXA MENSAL (NUMERO-INDICE)
BASE: MEDIA DE 1991 = 100

PONDERAÇÃO CI-85 COM AJUSTAMENTO SAZONAL — ANO: 1997

CATEGORIAS DE USO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
BENS DE CAPITAL.....	100,83	105,84										
BENS INTERMEDIARIOS.	115,52	115,87										
BENS DE CONSUMO.....	120,75	120,82										
DURAVEIS.....	182,40	171,87										
SEMIDURAVEIS E NÃO DURAVEIS.....	109,15	110,74										

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

SUPLEMENTO

DESEMPENHO DA AGROINDÚSTRIA EM 1996

A produção industrial dos setores vinculados à agropecuária registrou, em 1996, expansão de 2,8% frente ao ano anteiror, taxa acima da variação média observada para indústria como um todo (1,5%) - Gráfico 1. Itens como suco e concentrado de laranja em produtos alimentares, e álcool etílico de cana de açúcar na química, respondem pela maior participação destes setores no total da taxa de crescimento obtida para a indústria geral.

A safra agrícola em 1996, considerando-se aqui o total produzido de cereais, leguminosas e oleaginosas, esteve aquém em -8,0% da produção obtida em 1995. Dentre os produtos processados pela agroindústria destacam-se algodão (-29,2%), cacau (-13,6%), milho (-11,8%) e soja (-9,5%) com recuos significativos na produção, enquanto café (38,9%), trigo (115,2%), laranja (11,2%), cana-de-açúcar (6,9%) e fumo (3,4%) informam variações positivas frente aos contingentes obtidos na safra passada.

O saldo positivo das exportações agrícolas e de seus derivados; o novo patamar da dieta básica por habitante alcançada no Plano Real que, nos dois últimos anos indica ainda uma melhora qualitativa, com impacto direto na pecuária; e a adaptabilidade do campo à atual conjuntura de financiamento, ficando menos vulnerável aos mecanismos tradicionais de crédito, explicam, em grande medida, a performance favorável de parte da lavoura e da agroindústria em 1996.

Na análise dos agregados agroindustriais destacam-se os produtos industriais derivados da agricultura (4,4%) crescendo acima da média da agroindústria (2,8%), seguidos dos produtos derivados da pecuária com taxa positiva de 2,4%. No que se refere aos itens que refletem os investimentos na agropecuária, o ramo produtivo de máquinas e equipamentos continua em declínio (-17,8%). No sentido contrário, adubos e fertilizantes (1,5%) e produtos veterinários dosados (2,0%), somados à produção de inseticidas, fungicidas e herbicidas para uso agropecuário, com aumento de 20,9%, podem traduzir os recursos injetados no setor (Gráficos 2 e 3).

CAFÉ

A produção nacional de café em coco atingiu 38,9% em 1996, enquanto a produção das torrefadoras ficou em 23,6%.

A lavoura foi beneficiada pelas condições climáticas favoráveis, coincidindo com um ano que marca a recuperação do setor depois da desorientação causada pela extinção do IBC há seis anos atrás. A política cafeeira, sob responsabilidade do recém criado Conselho Deliberativo da Política Cafeeira, unindo cafeicultores, indústrias e governo vem fortalecendo o setor, superou definitivamente esse ano os estragos causados pela quebra de 1994.

O emprego de tecnologias em busca de maior produtividade; a migração para as novas áreas no cerrado mineiro, menos sujeitas a intempéries climáticas; e as políticas de marketing investindo no consumo doméstico com garantia de qualidade com o selo da ABIC, resumem os novos horizontes traçados pelo setor.

O crescimento da produção de derivados frente ao ano passado (23,6%) atendeu prontamente ao aumento de consumo interno, não sendo suficiente, no entanto, para suprir a demanda externa, pressionada pelos baixos níveis dos estoques mundiais.

TRIGO

Os preços remuneradores alcançados pelo trigo em 1995 determinaram a expansão da área cultivada com este cereal (77,5%), fato que combinado com a pronta liberação dos recursos para custeio, levou ao crescimento de 115,2% na safra de 1996. Esta performance reverteu a tendência de declínio que vinha sendo observada desde a retirada dos subsídios à comercialização do produto, caracterizando um período de importações substanciais de trigo pela maioria dos moinhos nacionais.

A produção de derivados registrou aumento bem mais modesto (1,9%), em grande medida devido a absorção direta do trigo pelas indústrias de rações em substituição ao milho, frente aos altos níveis de preços deste último em 1996.

LARANJA

A produção de laranja em 1996 aponta acréscimo de 11,2% frente ao ano anterior, como conseq ência da expansão da área plantada nas principais regiões produtoras. A influência positiva do mercado interno e, principalmente, o bom desempenho das exportações tiveram impacto no processamento industrial com a produção de suco atingindo crescimento de 52,5%.

O direcionamento de parte da produção para o mercado interno em conjunto

com uma política de comercialização e ampliação dos postos de venda, tornou o suco de laranja mais acessível à população, aumentando, significativamente, o consumo interno.

A comercialização externa esteve francamente favorável este ano, beneficiada pelas cotações no período, que variaram em média 2,54% frente 1995. As quantidades exportadas cresceram 22,8%, resultando num acréscimo de valor em torno de 26,0% para a mesma comparação. Destacam-se Holanda, Bélgica e EUA liderando as importações, representando aproximadamente 80% do valor das vendas externas de suco de laranja.

CANA DE AÇÚCAR

Em 1996, a produção de cana de açúcar registrou expansão de 6,9% em relação ao ano anterior, basicamente pela performance da cultura no Centro-Sul do país - São Paulo (9,9%), regiões Sul (9,7%) e Centro-Oeste (19,2%). A queda registrada na produção nordestina (-2,7%) sofreu impacto direto do recuo na produção alagoana (-3,8%), sendo ainda pior a previsão para a próxima safra, devido ao recuo na área de plantio de cana nas regiões menos produtivas de Pernambuco (-11,7%).

A produção de derivados cresceu na mesma proporção (6,7%), com destaque para o açúcar (3,4%) em detrimento da produção de álcool hidratado (-3,2%). As boas cotações internacionais do açúcar, pelo terceiro ano consecutivo, e a recente discussão sobre os rumos do Proálcool, vêm direcionando o maior processamento de cana para a produção de açúcar. Assim, a cota interna do álcool vem sendo mantida pela importação do produto, embora o setor canavieiro tenha garantido superávit na balança comercial em 1996, graças aos contingentes de álcool etílico e açúcares exportados.

FUMO

A produção de fumo assinala variação de 3,4%, em 1996, frente a safra do ano passado. Na região Sul, responsável pela quase totalidade da produção nacional, os maiores destaques positivos vêm do Paraná (17,3%) e Santa Catarina (12,3%), enquanto o Rio Grande do Sul registra declínio de -4,1%.

A agroindústria fumageira apresentou taxa positiva de 12,4% em relação à 1995, sendo boa parte do fumo beneficiado direcionado ao mercado internacional. As exportações de fumo em folha beneficiado ampliaram em 33,8%, enquanto as cotações

internacionais elevaram-se em média 21,5%, atingindo recorde histórico em 1996. Os principais mercados compradores foram os Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido.

ALGODÃO

A produção de algodão em 1996 registrou queda de -29,2%, em grande medida, devido ao fraco desempenho comercial do produto em 1995. As facilidades de entrada do produto estrangeiro prevalecendo preços bem reduzidos, tornou o produto nacional pouco competitivo, induzindo a demanda industrial a preferir o produto importado.

O crescimento no valor das importações de algodão atingiu 55,4%, afetando a agroindústria algodoeira, cuja produção nacional recuou -9,2% no período.

A política liberal de comércio que vem caracterizando este setor nos últimos anos vem atingindo também a indústria têxtil (-5,8%), incluindo aqui a concorrência com a importação de tecidos.

CACAU

A safra cacaueira em 1996 registra decréscimo de -13,6% em relação a 1995, refletindo mais uma vez a crise que há tempos vem caracterizando essa lavoura. Fatores internos como pragas e estiagens, bem como os elevados estoques mundiais de cacau e derivados, inibiram o plantio e os investimentos necessários para recuperar o ritmo de produção do setor. Neste ano os valores exportados revelam melhores resultados quando comparados com 1995, principalmente, para cacau em amêndoas (85,9%) e manteiga de cacau (39,4%).

O crescimento na produção de derivados (15,5%) tem, por sua vez, influência direta das importações de cacau que atingiram recorde em 1995.

MILHO

A safra total de milho em 1996 assinalou queda de -11,8% ante 1995, principalmente pelos decréscimos nas regiões Sul (-18,5%) e Sudeste (-8,6%). A produção do sul,que responde aproximadamente por 50% do total produzido, foi prejudicada pela forte estiagem que castigou as lavouras, registrando no cômputo global declínios significativos na produção (-25,7%) e no rendimento médio (-15,7%).

No que se refere aos derivados de milho, a expansão de 1,5% foi suprida, em parte, pela importação, atentando-se aqui para os altos preços que vigoraram no mercado externo em 1996. A escassez do produto e a conseq ente pressão da demanda interna, aviltou ainda mais o seu preço interno fazendo, inclusive, com que algumas indústrias de rações optassem por substitutos como o sorgo e o trigo de baixa qualidade.

SOJA

Em 1996, a safra de soja fechou com recuo de -9,5% ante 1995, em grande medida, pela redução da área cultivada com a leguminosa. Um conjunto de fatores que abrangem desde clima desfavorável, ataque de pragas até os baixos preços que vigoravam no mercado internacional explicam a redução do plantio no ano passado.

A produção de derivados também apresentou retração -4,4%, apesar das excelentes cotações externas obtidas para o farelo a partir de abril deste ano, dado o já comprometido plantio de 1995. O valor das exportações do complexo soja cresceu 16,6% apoiado na performance dos preços externos do grão e do farelo, dado que a cotação do óleo bruto caiu em média -10,4%.

PRODUTOS INDUSTRIAIS DERIVADOS DA PECUÁRIA

Em 1996, a maior produção observada para o grupo de produtos derivados da pecuária (2,4%) deve-se ao desempenho de carnes de suínos (11,9%) e de aves (6,8%), enquanto o ramo de bovinos (-0,6%) assinala a principal taxa negativa frente ao ano anterior.

As vendas externas de carne de suínos, que atingiram variações de 74,5% em termos de quantidade e 44,8% em valor, ante 1995, foram o fator propulsor de crescimento do abate (11,9%).

A performance de carne de frango (6,8%), que lidera as exportações de carnes pelo terceiro ano consecutivo, pode ser explicada pelo uso de novas tecnologias e o conseq ente barateamento do preço, que combinado com a politica de estabilização monetária manteve o mercado interno aquecido; bem como pelo aumento das vendas externas (30,3%) explicado pela oferta de novos produtos, conquista de novos mercados, e a recente preferência do consumo europeu pela carne branca.

Por outro lado, o desempenho de bovinos (-0,6%), foi influenciado, em parte, pela estabilização do consumo interno, depois do àboomà verificado logo após o Real. Mais importante, ainda, foi o impacto negativo das cotações externas (-6,6%), frente aos altos níveis de estoques internacionais e ao declínio da demanda européia por carne vermelha, o que acabou resultando num recuo de -8,9% no volume exportado comparado com 1995.

ANÁLISE REGIONAL

A partir do enfoque regional se pode auferir que a produção agroindustrial em 1996 cresceu em quatro dos seis locais pesquisados: Bahia (9,9%), São Paulo (4,1%), Minas Gerais (2,8%) e região Sul (1,3%). Em sentido inverso revelaram variações negativas significativas Pernambuco (-12,2%) e Rio de Janeiro (-13,2%).

Com taxas positivas acima da média nacional destacam-se a Bahia (9,9%), com o aumento na produção de bens derivados e utilizados pela agricultura, e São Paulo (4,1%) com impacto importante da maior produção de derivados agrícolas. A expansão na produção de derivados de trigo (23,7%), de algodão (18,2%) e de suco de frutas, exclusive de laranja (25,9%), foi crucial para o desempenho positivo dos setores vinculados à agricultura baiana. Em São Paulo os itens derivados do processamento do cacau (125,6%) e a extração de suco de laranja (51,2%) apontam as maiores variações de produção frente ao ano passado.

Finalmente, no estado do Rio de Janeiro a performance negativa dos derivados de suínos (-27,8%), de algodão (-25,1%) e da cana de açúcar (-24,9%) explica grande parte da queda observada na produção agroindustrial fluminense frente ao ano passado. Na agroindústria pernambucana destacam-se os declínios dos derivados do leite (-73,2%) e da cana (-23,6%) na menor produção observada para este estado.

TABELA 1
BRASIL
INDICES DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA E DE DERIVADOS INDUSTRIAIS - 1996
BASE: 1995 = 100

P R O D U T O S S E L E C I O N A D O S	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO AGROINDUSTRIAL
Café e Derivados	138,9	123,6
Trigo e Derivados	115,2	102,0
Laranja e Derivados	111,2	152,5
Cana de Açúcar e Derivados	106,9	106,7
Fumo e Derivados	103,4	112,4
Algodão e Derivados	70,8	90,7
Cacau e Derivados	86,4	115,5
Milho e Derivados	88,2	101,6
Soja e Derivados	90,5	95,6

FONTE: IBGE/DPE/DEIND E DEAGRO

TABELA 2
DESEMPENHO DA AGROINDÚSTRIA - 1996
BRASIL E REGIÕES
BASE: 1995 = 100

GRUPOS SELECIONADOS	BRASIL	P E	B A	M G	R J	S P	REGIÃO SUL
TOTAL AGROPECUÁRIA	**102,8**	**87,8**	**109,9**	**102,8**	**86,8**	**104,1**	**101,3**
PRODUTOS INDUSTRIAIS DERIVADOS E/OU UTILIZADOS P/ AGRICULTURA	**102,4**	**87,6**	**113,0**	**99,7**	**82,7**	**105,6**	**100,8**
Derivados da Agricultura	104,4	87,4	114,4	96,0	82,7	108,3	103,0
Utilizados pela Agricultura	93,3	90,7	105,9	109,2	-	94,7	91,4
PRODUTOS INDUSTRIAIS DERIVADOS E/OU UTILIZADOS P/ PECUÁRIA	**103,0**	**91,4**	**78,1**	**106,5**	**103,3**	**94,3**	**102,0**
Derivados da Pecuária	102,4	68,3	78,0	106,8	103,8	90,9	100,3
Utilizados pela Pecuária	105,0	98,3	80,3	102,0	95,9	102,1	107,7

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

Indicadores da Produção Agroindustrial - Brasil - 1992/96
(Base: ano anterior = 100)

Gráfico 1
Desempenho da Indústria e da Agroindústria

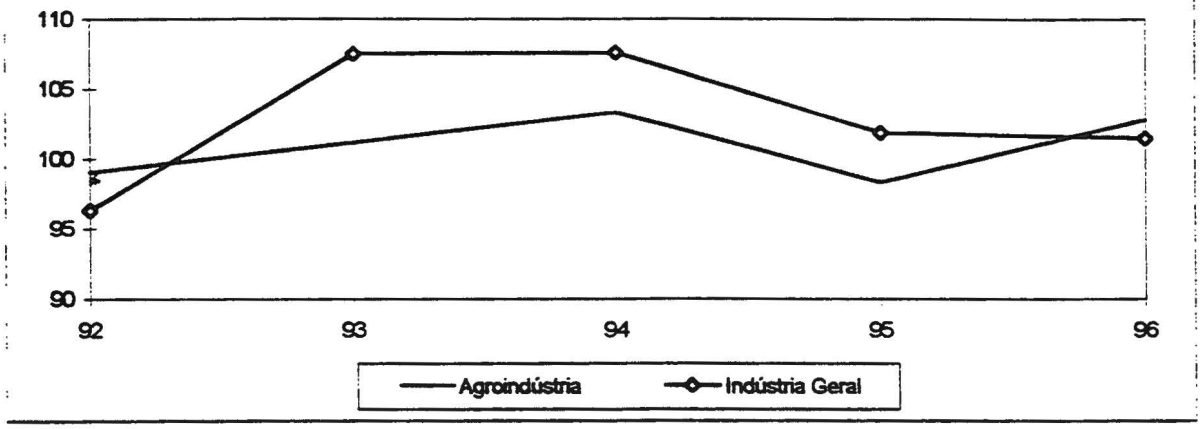


Gráfico 2
Desempenho da Agroindústria por setores vinculados à agricultura e pecuária

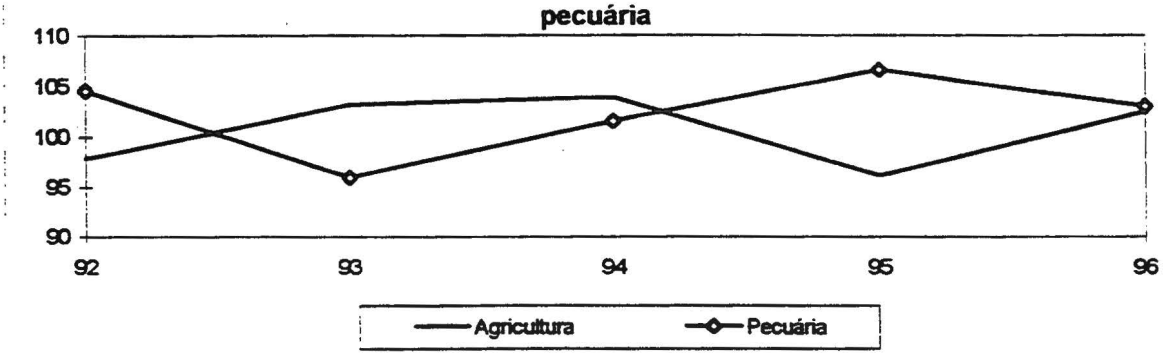
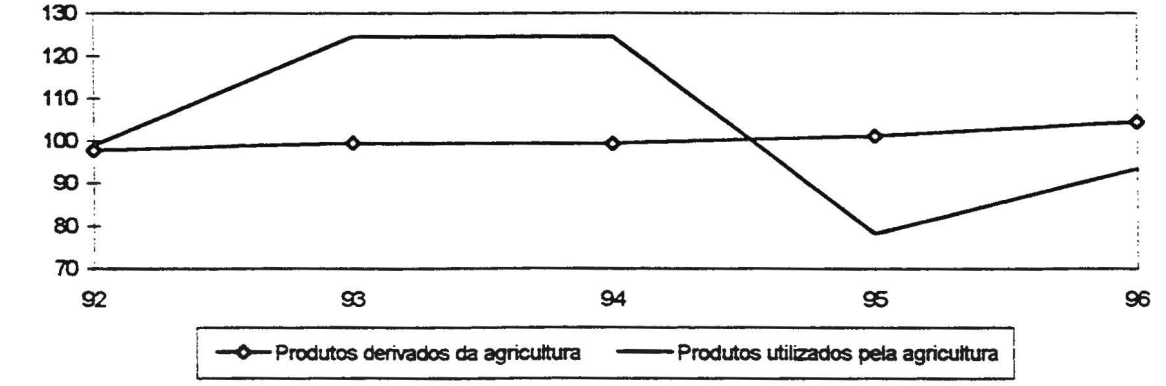


Gráfico 3
Desempenho da Agroindústria por grupo de produtos selecionados



Fonte: IBGE/DPE/DEIND

SE O ASSUNTO É BRASIL, PROCURE O IBGE

O IBGE põe à disposição da sociedade milhares de informações de natureza estatística (demográfica, social e econômica), geográfica, cartográfica, geodésica e ambiental, que permitem conhecer a realidade física, humana, social e econômica do País.

Estamos na INTERNET

http://www.ibge.gov.br **webmaster@cddi.ibge.gov.br**

VOCÊ PODE OBTER AS PESQUISAS, ESTUDOS E LEVANTAMENTOS DO IBGE EM TODO O PAÍS

Rio de Janeiro:

Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI
Rua General Canabarro, 706
20271-201 - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ
Fax: (021)284-1109
Ligação Direta Gratuita: 0800-218181

Livraria do IBGE
Avenida Franklin Roosevelt, 146 - loja
20021-120 - Castelo - Tel.: (021)220-9147
Avenida Beira Mar, 436 - 2º andar
20021-060 - Castelo - Tel.: (021)210-1250
Fax: (021)220-3543

Norte

RO - Porto Velho - Rua Tenreiro Aranhã, 2643 - Centro
78900-750 - Telefax: (069)221-3658

AC - Rio Branco - Rua Benjamin Constant, 506 - Centro
69900-160 - Tels.: (068)224-1540/1490 - Ramal 6
Fax: (068)224-1382

AM - Manaus - Avenida Ayrão, 667-3º andar - Centro
69025-050 - Telefax: (092)232-1369

RR - Boa Vista - Avenida Getúlio Vargas, 76-E - Centro
69301-031 - Tel.: (095)224-4103 - Ramal 22

PA - Belém - Avenida Gentil Bittencourt, 418 - Batista Campos
66035-340 - Tel.: (091)241-1440 - Fax: (091)223-8553

AP - Macapá - Avenida Cônego Domingos Maltez, 251 - Centro
68900-270 - Tels.: (096)222-3128/3574
Fax: (096)223-2696

TO - Palmas - ACSE 01 - Conjunto 03 - Lote 6/8 - Centro
77100-040 - Tel.: (063)215-1907 - Ramal 308
Fax: (063)215-1829

Nordeste

MA - São Luís - Av. Silva Maia, 131 - Praça Deodoro
65020-570 - Tel.: (098)221-5121 - Fax: (098)232-3226

PI - Teresina - Rua Simplício Mendes, 436 - Centro
64000-110 - Tel.: (086)221-4161 - Fax: (086)221-6308

CE - Fortaleza - Avenida 13 de Maio, 2901 - Benfica
60040-531 - Telefax: (085)243-6941

RN - Natal - Praça Pedro Velho, 161 - Petrópolis
59020-400 - Tels.: (084)211-4681/5310 - Ramal 13
Fax: (084)211-2002 - Telefax: (084)221-3025

PB - João Pessoa - Rua Irineu Pinto, 94 - Centro
68010-100 - Tel.: (083)241-1560 - Ramal 21
Fax: (083)221-4027

PE - Recife - Rua do Hospício,387 - 4° andar - Boa Vista
50050-050 - Tel.: (081)231-0811 - Ramal 215
Fax: (081)231-1033

AL - Maceió - Beco São José, 125 - Centro
57020-200 - Tel.: (082)221-2385 - Fax: (082)326-1754

SE - Aracaju - Rua Riachuelo, 1017 - Térreo - São José
49015-160 - Telefax: (079)222-3122/8197/8198

BA - Salvador - Av. Estados Unidos, 476 - 4º andar - Comércio
Ed. Sesquicentenário - 40013-900 - Tel.: (071)243-9277
Ramais 2005 e 2008 - Telefax: (071)241-2502

Sul

PR - Curitiba - Alameda Dr. Carlos de Carvalho, 625 - Térreo
Centro - 80430-180 - Tel.: (041) 322-5500 - Ramais 253 e 254
Telefax: (041)222-5764

SC - Florianópolis - Rua Victor Meirelles, 170 - Centro
88010-440 - Tel.: (048)224-0733 - Ramais 234 e 256
Telefax: (048)222-0338

RS - Porto Alegre - Avenida Augusto de Carvalho, 1205 - Térreo
Praia de Belas - 90010-390 - Tel.: (051)228-6444
Ramais 211, 213 e 225 - Fax: (051)228-8507
Telefax: (051)228-6444 - Ramal 212

Sudeste

MG - Belo Horizonte - Rua Oliveira, 523 - 1º andar - Cruzeiro
30310-150 - Tel.: (031)223-0554 - Ramais 1112 e 1113
Telefax: (031)223-3381

ES - Vitória - Avenida. dos Navegantes, 675 - 9º andar - Enseada do Suá - 29056-900 - Tel: (027) 325-3857 - Fax: (027) 325-3908

SP - São Paulo - Rua Urussuí, 93 - 3º andar - Itaim Bibi
04542-050 - Tels.: (011)822-2106/0077 - Ramal 281
Fax: (011)822-5264

Centro-Oeste

MS - Campo Grande - Rua Barão do Rio Branco, 1431 - Centro
79002-174 - Tels.: (067)721-1163/1902/1525 - Ramais 32 e 42
Fax: (067)721-1520

MT - Cuiabá - Avenida Tenente Coronel Duarte, 407 - 1°/2° andares - Centro - 78005-750 - Tels: (065)322-2121/2225
Fax: (065)321-3316/623-0573

GO - Goiânia - Avenida Tocantins, 675 - Setor Central
74015-010 - Tel.: (062)223-3121 - Telefax: (062)223-3106

DF - Brasília - SDS - Ed. Venâncio II -Bl H - Quadra 06
1º andar - 70393-900 - Tels.: (061)223-1359/321-7702
Ramal 124 - Fax: (061)226-9106

IBGE possui, ainda, agências localizadas nos principais municípios